

MORRER SE FÔR PRECISO, MATAR NUNCA

VIII - DRAMA DE 1.080 FAMÍLIAS INDÍGENAS RIO-GRANDENSES

Thomaz de Aquino Lisboa e Egidio Schwade

Quando o índio sobe em nossa consideração quando sabemos que em sua defesa levantaram-se vozes como as de Nóbrega, Anchieta, Antônio Vieira, Teixeira Mendes, Gonçalves Dias, José de Alencar, Azevedo Coutinho, Gonçalves Magalhães, Barbosa Rodrigues e José Bonifácio, o Patriarca da Independência.

No princípio deste século foi a voz de Cândido Mariano da Silva Rondon que se fez ouvir clara e decisiva em favor dos índios do Brasil e o eco de suas palavras ainda estão a repetir: "Morrer, se preciso fôr, matar nunca".

E sob a proteção deste lema cheio de humanismo nasceram outros princípios pelos quais Rondon lutou a vida inteira:

"Respeito às tribos indígenas como povos independentes".

"Garantir aos índios a posse das terras que habitam e são necessárias à sua sobrevivência".

"Assegurar aos índios a proteção direta do Estado".

A 20 de junho de 1910, o Decreto n.º 8.072, do presidente Nilo Peçanha, sendo ministro da Agricultura dr. Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda, criou o Serviço de Proteção aos Índios. Vencera o Marechal! O primeiro passo fôra dado.

Porém, a história aí está. De 1910 para cá, desapareceram — não assimilados na população nacional, mas simplesmente por morte, por extinção mais de 80 grupos indígenas.

Sim, a carência dos recursos destinados a esta obra, a incapacidade de muitos para desempenhar a tarefa a que são chamados, e, principalmente, a incompreensão de não poucos com respeito a esta empresa, faz com que este esforço em favor do índio do Brasil tenha sido praticamente frustrado.

Porém, esta causa é grande demais para que não haja quem se interesse por ela: o espírito de Anchieta, o apóstolo do Brasil, e de Rondon, o defensor dos índios, continua vivo em muitos brasileiros que, a exemplo desses dois batalhadores, dão o melhor de suas vidas para que o índio seja salvo da ruína total.

UM POSTO INDÍGENA A SER IMITADO

Certamente é uma tarefa bem difícil concretizar num posto indígena todas as exigências previstas: prestar proteção e assistência aos índios nêles existentes, amparando-lhes a vida, a liberdade e a propriedade, defendendo-os do extermínio, resguardando-os da opressão e da espoliação, bem como abrigando-os da miséria, educando-os e instruindo-os, quer vivam aldeados, em tribos, ou promiscuamente com civilizados; garantir a efetivação da posse das terras ocupadas pelos índios; dar ao índio ensinamentos úteis, procurando despertar nêles sentimentos nobres, inculcar-lhe a idéia de que faz parte da nação brasileira e, ao mesmo tempo, prestigiar as suas próprias tradições, não alterando os seus costumes e manter nêles, bem vivo, o orgulho de sua raça.

Mas, é com imensa alegria que depoemos aqui o nosso testemunho em favor de um posto indígena onde o índio está sendo atendido conforme as exigências acima apontadas. Trata-se do posto indígena Paulino de Almeida, no município de Tapejara.

13 ANOS DE INTEIRA DEDICAÇÃO

Após vários anos de serviços prestados ao SPI em diversos pontos do país, o senhor João Velloso recebeu a incumbência de dirigir o posto Paulino de Almeida.

Acostumado já ao teor do trabalho que mais uma vez lhe impunham, o senhor Velloso, ajudado pela dedicação de sua esposa, senhora Terezinha, iniciou ali uma obra de verdadeira assistência ao índio. Hoje, passados 13 anos, causa verdadeira alegria ao visitante olhar esta obra em prol do indígena.

Certamente foram duros e cheios de sacrifícios os começos. Também ali existiu a tentativa de invasão pelos intrusos, a falta de instalações as mais necessárias como são as casas para os índios, a enfermaria para receber os doentes, a escola etc. Porém, a constância aliada a um verdadeiro interesse pelo índio fizeram com que essas dificuldades fossem vencidas. O quadro de colaboradores foi logo feito. O próprio índio foi assumido como responsável por muitos setores. E assim, trabalhando em conjunto, confiando no índio, de ano para ano o posto adquiriu características de obra eficiente e organizada. Hoje dá gosto ver como tudo aquilo funciona.

UMA COMUNIDADE DE 63 FAMÍLIAS

Sabe-se que os índios vivem em tribos com um número não muito elevado de membros. Todo o grupo ou tribo forma como que uma grande família. Tudo lhes é comum: a plantação, o fruto da caça e da pesca, a casa etc. Foram pautados por esta realidade que os antigos jesuítas educaram os índios nas Reduções, conservando-os em seu regime de grande comunidade antes que de famílias isoladas.

Isso mesmo o senhor Velloso disse estar procurando fazer: conservar as 63 famílias atualmente ali existentes como uma grande comunidade.

Cada família tem sua casa num dos três conjuntos residenciais do posto, porém, as refeições são feitas em comum, num grande refeitório.

O trabalho de plantação também é comunitário. Não é excluído o trabalho particular em certos dias da semana. Assim o índio recebe o fruto comunitário e o fruto particular.

Existe toda uma organização por parte dos índios para a direção da comunidade indígena: o cacique ou coronel, eleito cada ano por voto, podendo ser reeleito; o capitão, o sargento, o cabo, e os soldados, eleitos pela direção do posto para serem os mantenedores da ordem e os responsáveis pelos diversos ofícios.

As crianças indígenas estão servidas por ótima escola. As duas professoras, uma das quais é a esposa do senhor Velloso, residem no posto.

Um índio vindo do Pará, José, e que há muitos anos reside no posto, é o enfermeiro. Com muita dedicação atende todos os casos mais simples. A enfermaria existente é um modelo de limpeza.

Existe uma cooperativa que facilita aos índios a compra do mais necessário.

Um moinho, uma pequena oficina mecânica são outros estabelecimentos que proporcionam aos índios maiores possibilidades.

Também não faltam diversões para as horas de lazer. Existe um excelente campo de futebol onde, nas tardes dos domingos e dias feriados, os índios jogam entre si ou contra times dos arredores. O time local já levantou vários troféus.

Um bonito salão de festa ali está para receber os tocadores de gaita e os jovens dançadores.

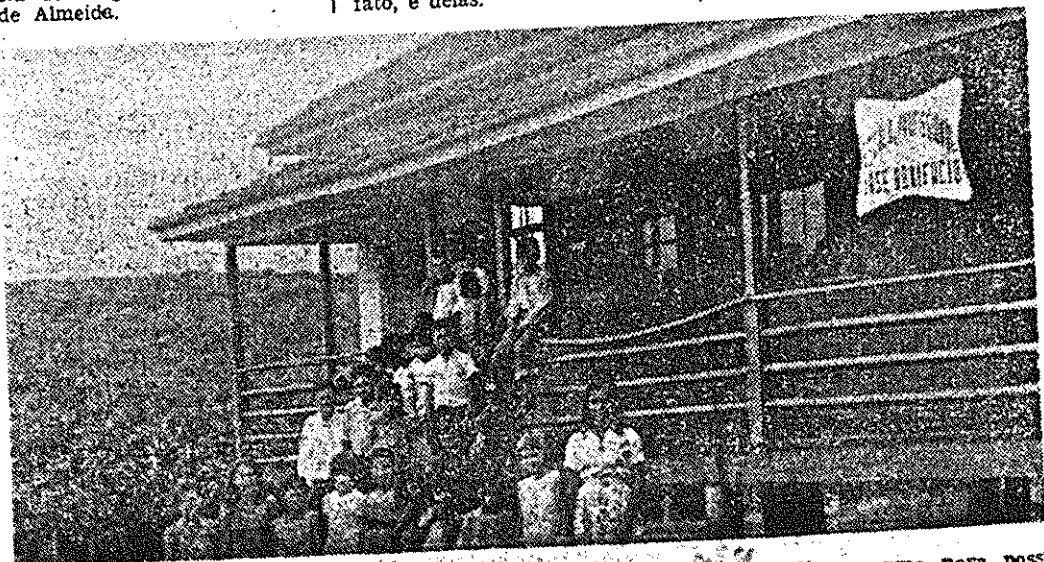
Porém, o que mais chama a atenção é a alegria das crianças índias, a satisfação que irradiam, a simplicidade das suas atitudes naquele posto que, de fato, é delas.

UMA CAUSA GRANDIOSA

Passaram os Nóbrega, os Anchieta, os José Bonifácio, os Rondon e tantos outros que ofereceram o melhor de suas vidas e do seu talento por uma causa grandiosa: salvar o nativo. Passaram esses gigantes que se fizeram dedicados pais do índio brasileiro. Porém, deixaram um caminho aberto: a dedicação de Nóbrega e Anchieta está sendo continuada por centenas de homens de fé que se entregam inteiramente aos índios nas regiões mais inóspitas. Assim o missionário P. João Evangelista Dornstauder, que pacificou três tribos nestes últimos quinze anos; os ideais de José Bonifácio e de Rondon em favor dos indígenas estão concretizados na existência de 94 postos indígenas espalhados por todo o território nacional. Também em nossos dias existem homens como o senhor João Velloso, pastor Norberto Schwantes, senhor Luís Martins da Cunha e outros que em seus postos indígenas procuram dar ao índio o melhor de sua dedicação.

Resta-nos apolar com eficiência todo esse esforço já existente.

(Continua)



Ali o índio sente-se inteiramente à vontade. A escola traz às crianças indígenas uma nova possibilidade de vida.